

MISTER

MISTER

E L James

TRADUÇÃO DE
CÁSSIA ZANON, CATHARINA PINHEIRO,
MARIA CARMELITA DIAS E JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © 2019 by Erika James Limited

TÍTULO ORIGINAL
The Mister

PREPARAÇÃO
Ilana Goldfeld
Nina Lopes

REVISÃO
Marina Góes
Daniel Austie
Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN E FOTO DE CAPA
© Erika Mitchell
Imagem de capa reproduzida com a permissão do Royal Borough of Kensington and Chelsea.

FOTO DE CONTRACAPA
© Kwangmoozaa / Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29m

James, E L, 1963-
Mister / E L James ; tradução Cássia Zanon ... [et al.]. - 1. ed.
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
432 p. ; 23 cm.

Tradução de: The Mister
ISBN 978-85-510-0515-6

1. Romance inglês. I. Zanon, Cássia. II. Título.

19-56820

CDD: 823
CDU: 82-31(410)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2019]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para tia Elba

*Obrigada por sua sabedoria, força, bom humor
e sanidade, mas, acima de tudo, pelo seu amor*

Prólogo

Não. Não. Não. O escuro, não. A escuridão sufocante, não. O saco plástico, não. O pânico toma conta dela, tirando o ar de seus pulmões. Não consigo respirar. Não consigo respirar. O gosto metálico do medo surge em sua garganta. Preciso fazer isso. É o único jeito. Fique parada. Fique quieta. Respire devagar. Respire de leve. Como ele disse. Vai acabar logo. Vai acabar e então eu estarei livre. Livre. Livre.

Vá. Agora. Corra. Corra. Corra. Vá. Ela corre depressa e com esforço, mas não olha para trás. O medo a faz avançar enquanto ela desvia de alguns clientes noturnos durante a fuga. A sorte está a seu lado: as portas automáticas estão abertas. Ela passa voando por baixo das decorações natalinas espalhafatosas e pela entrada do estacionamento. Corre sem parar. Entre os carros estacionados e pela floresta. Corre por sua vida, seguindo um caminhozinho de terra entre espinheiros, pequenos galhos atingindo seu rosto. Ela corre até seus pulmões doerem. Vá. Vá. Vá. Não pare.

Frio. Frio. Muito frio. O cansaço turva sua mente. O cansaço e o frio. O vento uiva por entre as árvores, por suas roupas, dentro de seus ossos. Ela se encolhe sob um arbusto e com as mãos dormentes junta as folhas caídas, para criar um ninho. Sono. Ela precisa dormir. Deita no chão duro e frio, cansada demais para ter medo e cansada demais para chorar. As outras. Será que conseguiram fugir? Ela fecha os olhos. Será que conseguiram escapar? Tomara que estejam livres. Que estejam aquecidas... Como é que tudo acabou assim?

Ela acorda. Está deitada entre latas de lixo, envolta em jornais e papelão. Tremendo. Sente muito frio. Mas precisa seguir adiante. Tem um endereço. Agradece ao Deus de sua avó pelo endereço. Com os dedos trêmulos, ela desdobra o papel. É para onde precisa ir. Agora. Agora. Agora.

* * *

Um pé na frente do outro. Andar. É só o que pode fazer. Andar. Andar. *Andar*. Dormir na soleira de uma porta. Acordar e andar. Andar. Ela bebe água da pia do McDonald's. O cheiro da comida é tentador.

Está com frio. A fome corrói seu estômago. Ela anda e anda, seguindo o mapa. Um mapa roubado. Roubado de uma loja. Uma loja com pisca-piscas e música natalina. Ela segura o pedaço de papel com o pouco de força que lhe resta. Está gasto e rasgado por causa do tempo que passou escondido em sua bota. *Cansada*. Tão cansada. *Suja*. Tão suja, com frio e assustada. Aquele lugar é sua única esperança. Ela ergue a mão trêmula e toca a campainha.

Magda estava esperando por ela. Sua mãe lhe escreveu explicando. Ela a recebe de braços abertos. E então dá um passo apressado para trás. *Minha nossa, menina. O que aconteceu? Achei que você vinha na semana passada!*

Capítulo Um

Sexo sem compromisso tem muitas vantagens. Nenhuma obrigação, nenhuma expectativa e nenhuma decepção. Só preciso lembrar o nome delas. Quem foi a última? Jojo? Jeanne? Jody? Tanto faz. Foi uma foda anônima que gemia para caramba, tanto na cama quanto fora dela. Fico deitado observando os reflexos ondulantes do rio Tâmisia no teto, sem conseguir dormir. Inquieto demais para isso.

Hoje à noite é Caroline. Ela não se encaixa na categoria “foda anônima”. Nunca vai se encaixar. Onde eu estava com a cabeça? Fechando os olhos, tento calar a vizinha que questiona constantemente a decisão de ir para a cama com minha melhor amiga... de novo. Ela está dormindo ao meu lado, seu corpo esguio banhado pela luz prateada da lua de janeiro, suas pernas compridas entrelaçadas às minhas, sua cabeça no meu peito.

Isso é errado, muito errado. Esfrego o rosto, tentando afastar o desprezo que sinto por mim mesmo, e ela se remexe, mudando de posição, acordando do cochilo. Uma unha pintada percorre minha barriga, alcançando os músculos do abdômen, então contorna meu umbigo. Sinto seu sorriso sonolento à medida que desliza os dedos em direção aos meus pelos pubianos. Segurando a mão dela, trago-a até os meus lábios.

— Não foi estrago suficiente para uma noite, Caro?

Beijo um dedo de cada vez para que a rejeição não doa. Estou cansado e abatido por causa da culpa insistente e intronética que me corrói por dentro. É Caroline, pelo amor de Deus, minha melhor amiga e mulher do meu irmão. Ex-mulher.

Não. Ex-mulher, não. Viúva dele.

É uma palavra triste e solitária para uma circunstância triste e solitária.

— Ah, Maxim, por favor. Me faça esquecer — sussurra ela, dando um beijo morno e molhado no meu peito.

Afastando o cabelo claro do rosto, ela me olha por trás dos cílios longos, os olhos brilhando de desejo e sofrimento.

Seguro seu lindo rosto com as mãos e balanço a cabeça.

— Não devíamos.

— Não. — Ela leva os dedos aos meus lábios, me calando. — Por favor. Eu preciso. Solto um gemido. Vou para o inferno.

— Por favor — implora ela.

Merda, isso aqui é o inferno.

E como também estou sofrendo — porque também sinto falta do meu irmão — e Caroline é minha única ligação com ele, meus lábios encontram os dela e eu a deito de costas.

Quando acordo, estreito os olhos porque o quarto está inundado pela luz clara do sol de inverno. Ao me virar de lado, fico aliviado ao ver que Caroline foi embora, deixando para trás um rastro de arrependimento... e um bilhete em meu travesseiro:

Jantar hoje à noite com papai e a enteadinha?

Venha, por favor.

Eles também estão sofrendo.

*Bjo,
J amo*

Merda.

Não é isso que eu quero. Fecho os olhos, grato por estar sozinho em minha cama e, apesar de nossas atividades noturnas, satisfeito por termos decidido voltar a Londres dois dias depois do funeral.

Como foi que perdi tanto o controle da situação?

Só uma saideira, ela tinha dito, e eu encarei seus grandes olhos azuis transbordando mágoa e soube o que ela queria. Era o mesmo olhar que me lançara na noite em que soubemos do acidente de Kit e de sua morte prematura. Um olhar ao qual não pude resistir. Já havíamos quase partido para a ação muitas vezes, mas naquela noite eu me entreguei ao destino e, com uma inevitabilidade infalível, trepei com a esposa do meu irmão.

E agora nós havíamos feito aquilo de novo, apenas dois dias depois do enterro dele.

Olho para o teto e franzo a testa. Sou um exemplar patético de ser humano, sem dúvida. Mas, bem, Caroline também é. Pelo menos ela tem uma desculpa: está de luto, com medo do futuro, e sou seu melhor amigo. A quem mais ela poderia recorrer em um momento de necessidade? Mas eu exagerei na hora de *consolar* a viúva sofredora.

Com a testa ainda franzida, amasso o bilhete e o jogo no piso de madeira. Ele rola para baixo do sofá, que está coberto de roupas minhas. A sombra da água

flutua acima de mim, a luz e a escuridão parecem me provocar. Fecho os olhos para afastá-las da mente.

Kit era um homem bom.

Kit. Kit querido. O preferido de todos, até mesmo de Caroline; afinal, ela o escolheu. A visão do corpo arrasado e acabado do meu irmão sob um lençol no necrotério do hospital invade meus pensamentos. Inspiro fundo, tentando apagar a lembrança, mas um nó se forma na minha garganta. Ele merecia coisa melhor do que a querida Caro e eu, o irmão inútil. Ele não merecia essa... traição.

Merda.

Quem estou querendo enganar?

Eu e Caroline merecemos um ao outro. Ela satisfez minha vontade, e eu, a dela. Estamos de comum acordo e somos dois adultos *teoricamente* livres. Ela gosta. Eu gosto, é o que faço de melhor: trepar com mulheres bonitas e sensuais até altas horas da madrugada. É minha recreação favorita, uma chance de me ocupar com algo, com alguém. Trepar me deixa em forma, e, no auge da paixão, descubro tudo que preciso saber sobre aquela mulher: como fazê-la suar e se ela grita ou chora quando goza.

Caroline é uma chorona.

Caroline acabou de perder o marido.

Merda.

E eu perdi meu irmão mais velho, minha única estrela guia nos últimos anos.

Merda.

Quando fecho os olhos, vejo o rosto pálido e morto de Kit outra vez, e a perda é um abismo dentro de mim.

Uma perda irreparável.

Por que diabo ele estava andando de moto naquela noite escura e cheia de gelo? Não dá para entender. Kit é — *era* — o irmão sensato, a pessoa confiável, o rei da responsabilidade. De nós dois, era Kit quem honrava o nome e a reputação da família e quem se comportava direito. Tinha um emprego no centro, além de gerenciar os negócios familiares importantes. Não tomava decisões precipitadas, não dirigia como um louco. Era o irmão ajuizado. Era presente. Não era o bagunceiro pródigo que eu sou. Não, eu sou o outro lado da moeda de Kit. Minha especialidade é ser a ovelha negra da família. Ninguém espera nada de mim, isso eu garanto. Sempre.

Eu me sento sob a luz forte da manhã, mal-humorado. Está na hora de ir para a academia, no porão. Correr, trepar e fazer esgrima — tudo isso me deixa em forma.

COM AS BATIDAS de uma música animada nos ouvidos e o suor escorrendo pelas costas, puxo ar para dentro dos pulmões. O impacto dos pés na esteira esvazia minha mente enquanto foco em levar meu corpo ao limite. Geralmente, quando corro, fico

concentrado e grato por ao menos sentir *alguma coisa*, ainda que essa coisa seja apenas pulmões, braços e pernas ardendo com o esforço. Hoje não quero sentir nada, não depois dessa semana de merda. Só quero a dor física da exaustão. Não a dor da perda.

Corra. Respire. Corra. Respire.

Não pense em Kit. Não pense em Caroline.

Corra. Corra. Corra.

Enquanto reduzo o ritmo, a esteira desacelera e percorro o último trecho dos oito quilômetros de corrida mais devagar, dando espaço para que os pensamentos febris retornem. Pela primeira vez em bastante tempo, tenho muito o que fazer.

Antes da morte de Kit, eu passava os dias me recuperando da noite anterior e planejando a diversão da semana seguinte. E só. Essa era minha vida. Não gosto de chamar atenção para o vazio da minha existência, mas no fundo sei quanto sou inútil. A consequência de contar com um fundo fiduciário generoso desde os vinte e um anos foi nunca ter enfrentado um dia de trabalho de verdade na vida. Ao contrário do meu irmão mais velho. Kit trabalhava muito. Mas, ao mesmo tempo, não tinha escolha.

Hoje, no entanto, vai ser diferente. Sou o executor do testamento dele, o que é uma piada. Escolher a *mim* foi um último deboche, tenho certeza, mas agora que ele está enterrado no jazigo da família, o testamento precisa ser lido e... bem, cumprido.

E Kit morreu sem deixar herdeiros.

Um tremor me percorre quando a esteira para. Não quero pensar nas implicações disso. Não estou pronto.

Pego meu iPhone, passo a toalha em volta do pescoço e subo a escada correndo até meu apartamento no sexto andar.

Tiro a roupa, jogo tudo no quarto e sigo para o banheiro da suíte. No chuveiro, enquanto lavo o cabelo, reflito sobre como lidar com Caroline. Nos conhecemos desde a escola. Nos identificamos um com o outro e isso nos aproximou, dois adolescentes de treze anos em um colégio interno e com pais divorciados. Eu era o novato, e ela me acolheu. Nos tornamos inseparáveis. Ela é e sempre será meu primeiro amor, minha primeira transa... minha desastrosa primeira transa. E, anos depois, ela escolheu meu irmão, não a mim. Mas, apesar de tudo, continuamos bons amigos e nos mantivemos fisicamente distantes... até a morte de Kit.

Merda. Isso tem que acabar. Não quero nem preciso dessa complicação. Enquanto faço a barba, olhos verdes sérios me fuzilam no espelho. *Não estrague as coisas com Caroline. Ela é uma das poucas amigas que você tem. Sua melhor amiga. Fale com ela. Tenham uma conversa madura. Ela sabe que vocês são incompatíveis.* Aceno para o meu reflexo, um pouco mais decidido em relação a ela, e enxáguo a espuma do rosto. Jogo a toalha no chão e vou me vestir. Pego uma calça jeans preta, embolada em uma pilha em uma das prateleiras, e fico aliviado ao encontrar pendurados uma camisa branca recém-passada e um paletó preto

lavado a seco. Tenho um almoço com os advogados da família. Calço as botas e pego um casaco para me proteger do frio lá fora.

Merda, hoje é segunda-feira.

Lembro que Krystyna, minha diarista polonesa anciã, deve vir no fim da manhã para limpar a casa. Pego a carteira, deixo um dinheiro na mesinha do hall, programo o alarme e saio, trancando a porta. Abro mão do elevador e desço de escada.

No Chelsea Embankment, o ar no calçadão está límpido e fresco, marcado apenas pelo vapor da minha respiração gelada. Para além do rio Tâmis, sombrio e cinzento no outro lado da rua, olho fixamente para o Peace Pagoda, o monumento dedicado à paz, na margem oposta. É isso que eu quero, um pouco de paz, mas isso pode demorar muito ainda. Espero ter algumas respostas na hora do almoço. Erguendo o braço, chamo um táxi e peço ao motorista que me leve até Mayfair.

NO ESPLENDOR GEORGIANO da Brook Street, os advogados da Pavel, Marmont e Hoffman cuidam da minha família desde 1775.

— Hora de ser adulto — murmuro para mim mesmo ao empurrar a requintada porta de madeira.

— Boa tarde, senhor — diz a jovem recepcionista com um sorriso radiante, a pele morena corando.

Ela é bonita, de um jeito discreto. Em circunstâncias normais, eu conseguiria seu telefone em cinco minutos de conversa, mas não é para isso que estou ali.

— Tenho hora marcada com o Sr. Rajah.

— Seu nome?

— Maxim Trevelyan.

Seus olhos percorrem a tela do computador, ela balança a cabeça e franze a testa.

— Sente-se, por favor — diz, indicando duas poltronas de couro marrons no saguão de paredes forradas, e eu me sento na mais próxima, pegando o *Financial Times* daquela manhã.

A recepcionista fala ao telefone com certo nervosismo enquanto examino a capa do jornal sem assimilar nada. Quando ergo os olhos, Rajah está vindo me cumprimentar, passando pelas portas duplas com a mão estendida.

Fico de pé.

— Lorde Trevethick, meus sinceros pêsames por sua perda — diz Rajah quando trocamos um aperto de mãos.

— Só Trevethick, por favor — respondo. — Ainda preciso me acostumar com o título do meu irmão.

Meu título... agora.

— Claro.

O Sr. Rajah assente com uma deferência educada que me irrita.

— Gostaria de se juntar a nós? Estamos almoçando na sala dos sócios, e devo dizer que temos uma das melhores adegas de Londres.

HIPNOTIZADO, OBSERVO AS chamas bruxuleantes da lareira do meu clube em Mayfair.

Conde de Trevethick.

Esse sou eu. Agora.

É inconcebível. É arrasador.

Como invejei o título do meu irmão e sua posição na família quando era mais jovem. Kit foi o filho preferido desde que nasceu, sobretudo para minha mãe, afinal ele era o herdeiro, não o reserva. Conhecido como Visconde Porthtowan desde o nascimento, Kit tornou-se o décimo segundo Conde de Trevethick aos vinte anos, após a morte repentina de nosso pai. Aos vinte e oito, sou o sortudo décimo terceiro. Embora eu tenha invejado o título e tudo que ele carrega, agora que é meu sinto que estou invadindo o terreno de Kit.

Você trepou com a condessa dele ontem à noite. É mais do que uma invasão.

Bebo um gole do Glenrothes e ergo o copo.

— Um brinde aos que se foram — sussurro, sorrindo com a ironia.

Glenrothes era o uísque preferido do meu pai e do meu irmão e, a partir de hoje, esse *vintage* de 1992 será o meu.

Não sei ao certo quando aceitei a sorte de Kit ou o próprio Kit, mas aconteceu em algum momento do fim da adolescência. Ele tinha o título e a garota, e eu precisava me conformar. Mas agora é tudo meu. Tudo.

Até a esposa. Bem, pelo menos ontem à noite.

Mas a ironia é que Kit não incluiu Caroline no testamento.

Nada.

Era isso que ela temia.

Como pode ter sido tão descuidado? Ele escrevera um testamento novo quatro meses atrás, mas não deixara nada para ela. Os dois estavam casados havia apenas dois anos...

Onde ele estava com a cabeça?

Certo, é possível que ela conteste. E quem poderia culpá-la?

Esfrego o rosto.

O que vou fazer?

Meu celular vibra.

ONDE VOCÊ ESTÁ?

É Caroline.

Coloco o aparelho no silencioso e peço outra bebida. Não quero vê-la esta noite. Quero me perder em outra pessoa. Alguém novo, sem amarras, e acho que vou atrás de um pouco de cocaína também. Pego de novo o telefone e abro o Tinder.

— MAXIM, QUE apartamento deslumbrante.

Ela observa a água turva do Tâmisia brilhando sob a luz do Peace Pagoda. Pego seu casaco e o deixo no encosto do sofá.

— Quer uma bebida ou algo mais forte? — pergunto.

Não vamos ficar muito tempo na sala. No mesmo instante, ela joga o cabelo preto brilhante por cima do ombro. Seus olhos castanhos, contornados a lápis, estão fixos em mim.

Ela passa a língua pelos lábios pintados, ergue uma sobrancelha e pergunta:

— Mais forte? — Seu tom é sedutor. — O que você bebe?

Ah... não captou a deixa, então nada de cocaína, mas mesmo assim ela está bem saidinha. Eu me aproximo de forma que ela tenha que erguer a cabeça para me olhar. Tomo cuidado para não tocar nela.

— Não estou com sede, Heather.

Falo baixo, satisfeito por ter lembrado seu nome. Heather engole em seco e entreabre os lábios.

— Eu também não — sussurra ela, e seu sorriso provocante alcança os olhos.

— O que você quer?

Vejo seu olhar se mover até minha boca. É um convite. Faço uma pausa para ter certeza de que estou interpretando aquilo do jeito certo, então abaixo o rosto e a beijo. É um toque breve: lábios nos lábios e depois nada.

— Acho que você sabe o que eu quero.

Ela ergue as mãos para passar os dedos pelo meu cabelo e me puxar de volta para sua boca quente e convidativa. Tem gosto de conhaque com um leve traço de cigarro. O sabor me distrai. Não me lembro de tê-la visto fumando no clube. Eu a puxo com força, uma mão na sua cintura enquanto a outra percorre todas as curvas de seu corpo. Ela tem uma cintura fina e seios grandes e firmes, que pressionam de forma provocante contra o meu corpo. Será que prová-los vai ser tão gostoso quanto tocá-los? Minhas mãos alcançam sua bunda, e eu intensifico o beijo, explorando a boca ávida.

— O que você quer? — sussurro contra seus lábios.

— Você.

Sua voz sai arfante e urgente. Ela está excitada. Muito. Começa a desabotoar minha camisa. Fico parado enquanto ela a afasta dos meus ombros e a deixa cair no chão.

Será que como essa mulher aqui ou na minha cama? O conforto vence, e eu seguro sua mão.

— Venha comigo.

Puxo-a delicadamente, e ela me segue pelo corredor até o quarto.

Está arrumado, como eu sabia que estaria.

Deus abençoe Krystyna.

Acendo as luzes da cabeceira no interruptor da parede e a acompanho até a cama.

— Vire de costas.

Heather obedece, mas cambaleia de leve nos saltos altos.

— Parada.

Seguro seus ombros e a puxo com força, então viro sua cabeça para ver seus olhos. Estão fixos nos meus lábios, mas ela os ergue. Olhos límpidos. Alertas. Focados. Está sóbria o bastante. Encosto o rosto em seu pescoço, provando sua pele macia e cheirosa com a língua.

— Acho que está na hora de deitar.

Abro o zíper do seu vestido vermelho curto e o afasto dos ombros, parando ao expor seu colo e o início dos seios em um sutiã vermelho. Acaricio o tecido de renda com o polegar. Ela geme e arqueia as costas, pressionando os seios contra as minhas mãos.

Ah, isso.

Meus polegares se enfiam sob o tecido delicado e contornam os mamilos enrijecidos enquanto ela estende as mãos para trás à procura do botão da minha calça jeans.

— Temos a noite inteira — murmuro, soltando-a e recuando um passo para que o vestido caia e se amontoe aos seus pés.

Um fio dental vermelho revela uma bunda bem desenhada.

— Vire. Quero ver você.

Heather joga o cabelo por cima do ombro ao dar meia-volta e me lança um olhar ardente por trás dos cílios. Seus seios são magníficos.

Eu sorrio. Ela sorri.

Isso vai ser divertido.

Estendendo os braços, ela agarra o cós da minha calça jeans e puxa com força, de forma que seus seios gloriosos encostam mais uma vez no meu peito.

— Me beije — geme ela, a voz baixa e exigente.

Ela passa a língua pelos dentes de cima. Meu corpo reage, e a calça fica apertada.

— É um prazer obedecer, madame.

Seguro sua cabeça, meus dedos tocando seu cabelo sedoso, e beijo-a de novo, mais bruscamente dessa vez. Ela retribui, agarrando meu cabelo enquanto nossas línguas se encontram. Ela para e ergue a cabeça para mim com um brilho lascivo no olhar, como se finalmente estivesse me vendo e gostando do que vê. Então seus lábios fervorosos estão mais uma vez nos meus.

Nossa, ela quer muito.

Dedos hábeis encontram o botão da minha calça e ela me puxa. Rindo, pego suas mãos e a empurro delicadamente, fazendo nós dois cairmos na cama.

* * *

HEATHER. O NOME dela é Heather e está dormindo profundamente ao meu lado. Olho para o relógio de cabeceira: são cinco e quinze da manhã. Ela fode bem, sem dúvida. Mas agora quero que vá embora. Quanto tempo vou precisar ficar aqui ouvindo a sua respiração fraca? Talvez eu devesse ter ido ao apartamento dela, assim poderia ir embora logo cedo. Mas o meu era mais perto, e nós estávamos impacientes. Enquanto olho para o teto, repasso mentalmente nossa noite, tentando lembrar algum detalhe sobre ela, se é que reparei em algum. Trabalha na televisão — ou TV, como diz — e precisa estar no escritório cedo, o que significa que deve partir daqui a pouco, imagino. Mora em Putney. É gostosa. E solícita. Sim, muito solícita. Gosta de ficar de frente durante o sexo, goza em silêncio e tem uma boca talentosa, que sabe exatamente como reanimar um homem cansado. Meu pau se remexe com a lembrança e cogito acordá-la para mais. Seu cabelo escuro está espalhado pelo travesseiro, e ela exibe uma expressão serena enquanto dorme. Ignoro a pontada de inveja que essa tranquilidade me causa e me pergunto se eu encontraria a mesma paz caso a conhecesse melhor.

Ah, pelo amor de Deus. Só quero que ela vá embora.

Você tem problemas com intimidade. É a voz irritante de Caroline ecoando em minha mente.

Caroline. Merda.

Três mensagens de texto chorosas e várias chamadas não atendidas dela me deixaram puto. Minha calça jeans está largada no chão. Pego o celular no bolso de trás. Dando uma olhada na pessoa adormecida ao meu lado — não, ela nem se mexeu —, leio as mensagens.

KD VOCÊ?
ME LIGA!
CHATEADA

Qual é o problema dela?

Caro sabe como é o esquema, me conhece há bastante tempo. Uma trepada rápida não vai mudar o que sinto por ela. Eu a amo... do meu jeito, mas como amiga, uma boa amiga.

Franzo a testa. Não vou ligar para ela. Não quero. Não sei o que dizer.

Covarde, sussurra minha consciência. Preciso dar um jeito nisso. Acima de mim, os reflexos do Tâmisia ondulam, livres e simples, me provocando, me fazendo lembrar o que perdi.

Liberdade.

E o que tenho agora.

Responsabilidade.

Merda.

A culpa me invade. A sensação é estranha e nada bem-vinda. Kit deixou tudo para mim. *Tudo*. E Caroline não ficou com nada da herança. Ela é a viúva do meu irmão. E nós trepamos. Claro que me sinto culpado. E, no fundo, sei que ela também. Por isso foi embora no meio da noite sem me acordar, sem se despedir. Quem dera a mulher do meu lado fizesse o mesmo.

Digito uma mensagem rápida para Caro.

Ocupado hoje. Tudo bem aí?

São cinco da manhã. Caroline deve estar dormindo. Estou a salvo. Vou lidar com ela mais tarde, hoje... ou amanhã.

Heather se mexe, e suas pálpebras se abrem, piscando.

— Oi — diz ela, com um sorriso hesitante.

Eu retribuo, mas o sorriso dela some.

— Tenho que ir.

— Ir? — pergunto, a esperança crescendo em mim. — Não precisa.

Consigo não soar falso.

— Preciso, sim. Tenho que trabalhar e acho que não posso aparecer com esse vestido vermelho no escritório. — Ela se senta, segurando a colcha de seda para esconder as curvas. — Foi... bom, Maxim. Se eu deixar meu número, você vai me ligar? Prefiro falar no telefone do que trocar mensagens pelo Tinder.

— Claro — minto com facilidade.

Puxo o rosto dela até o meu e a beijo com carinho. Seu sorriso é tímido. Levantando-se, ela enrola a colcha com firmeza ao redor do corpo e começa a recolher as roupas no chão.

— Quer que eu chame um táxi? — pergunto.

— Posso pegar um Uber.

— Eu chamo.

— Está bem, obrigada. Vou para Putney.

Ela me diz o endereço, eu visto a calça jeans e saio do quarto, pegando meu celular, para lhe dar um pouco de privacidade. É estranho como algumas mulheres se comportam na manhã seguinte: tímidas e silenciosas. Não é mais a sereia lasciva e exigente da noite anterior.

Depois de pedir o carro, fico observando o Tâmisia escuro lá fora. Quando Heather finalmente aparece, me dá um pedaço de papel.

— Meu número.

— Obrigado — digo, enfiando o papel no bolso da calça. — Seu carro vai chegar em cinco minutos.

Heather fica parada, pouco à vontade, a timidez pós-coito tomando conta dela. Enquanto o silêncio entre nós se prolonga, ela examina o cômodo, olhando para tudo, menos para mim.

— Muito lindo seu apartamento. Espaçoso — elogia, e sei que está recorrendo a banalidades para disfarçar o incômodo.

Ela nota o violão e o piano.

— Você toca?

Segue na direção dos instrumentos.

— Toco.

— Por isso é tão hábil com as mãos — diz ela, então franze a testa, percebendo que falou aquilo em voz alta, e suas bochechas coram.

— Você toca? — pergunto, ignorando o comentário.

— Não... Nunca fui além do grupo de flauta doce na escola.

O alívio suaviza seus traços, provavelmente porque ignorei o comentário sobre minhas mãos.

— E isso tudo? — indaga ela, apontando para minha mesa de som e o iMac no canto.

— Sou DJ.

— Ah, é?

— Sim. Toco duas vezes por mês em uma boate em Hoxton.

— Por isso tantos vinis.

Ela observa as prateleiras na parede onde fica minha coleção de discos.

Eu assinto.

— E fotografia?

Ela acena com a mão para as paisagens em preto e branco penduradas em telas grandes na sala.

— Sim. Às vezes do outro lado da câmera também.

Ela parece confusa.

— Modelo. Geralmente de revista.

— Ah, faz sentido. Você é mesmo um homem de muitas facetas.

Ela sorri, sentindo-se mais confiante. Com razão. É uma deusa.

— Sou mil e uma utilidades — respondo com um sorriso autodepreciativo, e o dela desaparece, substituído por uma expressão intrigada.

— Algo errado? — pergunta ela.

Errado? Do que diabo ela está falando?

— Não. Nada.

Meu celular vibra: uma mensagem avisando que o carro dela chegou.

— Ligo para você — digo, pegando o casaco dela e estendendo para que o vista.
 — Sei que não vai ligar. Mas não se preocupe. Tinder é assim mesmo. Eu me diverti.

— Eu também. — Eu é que não vou contradizê-la. Sigo-a até a porta. — Quer que acompanhe você até lá embaixo?

— Não, obrigada. Sou bem grandinha. Tchau, Maxim. Foi um prazer conhecer você.

— Igualmente... Heather.

— Muito bem. — Ela dá um sorriso radiante, satisfeita por eu ter lembrado seu nome, e é impossível não retribuir. — Assim é melhor. Espero que você encontre o que está procurando.

Na ponta dos pés, ela me dá um beijo casto na bochecha. Dá meia-volta e cambaleia nos saltos altos até os elevadores. Franzo a testa diante da sua imagem se afastando e observo sua bela bunda se mover sob o vestido.

O que estou procurando? Que merda ela quis dizer?

Tenho tudo isso aqui. Acabei de ter você. E amanhã vai ser outra pessoa. Do que mais eu precisaria?

Por alguma razão desconhecida, as palavras dela me irritam, mas eu as ignoro e volto para a cama, aliviado por ela ter ido embora. Quando tiro a calça jeans e deslizo para debaixo do lençol, suas palavras desafiadoras de despedida ecoam em minha mente.

Espero que você encontre o que está procurando.

De onde ela tirou essa merda?

Acabei de herdar uma vasta propriedade na Cornualha, uma em Oxfordshire, outra na Nortúmbria e uma pequena parte de Londres... Mas a que preço?

O rosto pálido e sem vida de Kit surge diante de mim.

Merda.

Tantas pessoas dependem de mim agora, muitas, gente demais: arrendatários rurais, trabalhadores das propriedades, empregados domésticos em quatro casas, as construtoras em Mayfair...

Inferno.

Vá se foder, Kit. Vá se foder por ter morrido.

Fecho os olhos e tento conter as lágrimas que não vou derramar. Com as palavras de despedida de Heather ecoando, caio em sono profundo.